

As escolhas de Dorival e o dilema da tríplice coroa

Num contexto viabilizado pelo seu trabalho, o técnico Dorival Júnior passa a ter escolhas contestadas. Falta de ambição ou realismo necessário?

Por Henrique Juliano – 7/9/2022

A chegada de Dorival Jr mudou as perspectivas do Flamengo para a temporada 2022. Nas copas o treinador atinge, até a presente data, o incrível aproveitamento de 83,3% com 8 vitórias, 1 empate e 1 derrota. Mas o que realmente importa: 100% das classificações atingidas. Já no Brasileirão são 10 vitórias, 2 empates e 3 derrotas, com 71,1% de aproveitamento. No entanto, algumas decisões do técnico tem chamado atenção por colocarem o Brasileirão em segundo plano. Seriam elas motivadas por realismo necessário ou por falta de ambição? Vamos tentar entender o processo.

Dorival Jr assumiu o Flamengo após duas derrotas seguidas no Brasileirão e a poucos dias do árduo duelo contra o Atlético Mineiro pela Copa do Brasil. O clube estava em 14º lugar na tabela e a 7 pontos do líder Palmeiras. Em sua primeira partida, contra o Internacional em Porto Alegre, o treinador tinha apenas o poder de escalar e substituir, já que ainda não tinha sido possível treinar. E as escolhas não pareciam ser capazes de fazer o time vencer no Beira-Rio. No onze inicial, Dorival devolveu a titularidade a jogadores mais experientes, como Diego Alves, David Luiz e Filipe Luís. No segundo tempo, com 2x1 no placar para o Colorado e o jogo se apresentando a favor do empate rubro-negro, o treinador prescindiu do jovem Lázaro, um dos poucos que faziam boa temporada no clube, para colocar em campo Diego e Marinho. A vitória esperada do Inter se confirmou, por 3x1, embora um pênalti de Mercado em Gabi não tenha sido marcado.

O resultado em Porto Alegre não veio, mas algo ia ficando claro a todos que observavam as partidas do Flamengo: jogadores como Diego Alves, Willian Arão ou Diego não tinham mais espaço como titulares. E, talvez, aquelas escolhas nos primeiros 90 minutos sacrificavam um resultado, mas acalmavam o vestiário, já que os líderes teriam seus currículos respeitados. Jogo a jogo, o Flamengo foi evoluindo até mostrar nos dois confrontos de volta das copas – do Brasil e Libertadores – que voltava a ser o mesmo elenco temido de antes: classificações contra Atlético Mineiro (2x0) e Tolima (7x1).

Paralelamente a isso, Dorival começou a escalar equipes diferentes nas copas e no Brasileirão. Esse procedimento gerou frutos preciosos: recolocou Filipe Luís, jogando uma vez por semana, no posto de melhor lateral do país, ao passo que consolidou Ayrton Lucas na seleção parcial do Bola de Prata; gerou duas possibilidades de duplas de zaga entrosadas – Léo Pereira/David Luiz e Fabrício Bruno/Pablo; potencializou o futebol de um jogador com dificuldades em alguns fundamentos: concentrado física e mentalmente em uma partida por semana, Rodinei vive seu melhor momento em seis anos de Flamengo; garantiu espaço a jovens com enorme potencial como Victor Hugo e Lázaro, este agora vendido, o que fez o Flamengo atingir o seu objetivo orçamentário; e, por fim, assegurou às novas estrelas contratadas – Vidal e Cebolinha – minutagem semanal sem cometer injustiças com aqueles que vinham dando resultado nas copas.

As vitórias vieram e o confronto direto que poderia aproximar o Flamengo do líder Palmeiras chegou. A diferença que já havia sido de 13 pontos no início do trabalho de Dorival, poderia chegar a seis. Numa semana em que o Flamengo enfrentou um duelo duríssimo contra o Athletico Paranaense, em Curitiba, garantindo o time nas duas semifinais das copas, o treinador resolveu escalar um time totalmente diferente para duelar contra o Palmeiras, exceção ao goleiro Santos e ao volante João Gomes. O argumento: duas partidas seguidas em grama sintética, logo antes de uma semifinal de Copa do Brasil contra o São Paulo. Mesmo assim, o Flamengo abriu o placar com Victor Hugo. Mas, ao final do primeiro tempo, já estava claro que o Flamengo precisaria modificar a equipe para ter posse de bola. Caso contrário, era iminente o empate do Palmeiras, objetivo claramente traçado por Abel Ferreira. Foi o que ocorreu. Dorival só mexeu após o empate alviverde, aos 20 minutos do 2º tempo. Em “banho maria”, a partida terminou 1x1, mantendo a vantagem de 9 pontos do líder sobre o Flamengo.

Enquanto na Copa do Brasil e Libertadores o rubro-negro encaminhou sua passagem às finais nas partidas de ida – 3x1 sobre o São Paulo e 4x0 sobre o Vélez Sarsfield – o time do Brasileirão parecia dar sinais de não conseguir manter o ritmo que o levou a algumas vitórias consecutivas. Contra o Botafogo, a fraca atuação foi compensada com um gol após a entrada de jogadores do time dos meios de semana. Mas na rodada seguinte, entre o 4x0 contra o Vélez na Argentina e o protocolar jogo de volta, o Flamengo enfrentaria o Ceará, logo após um empate do líder Palmeiras. Era a chance de encurtar a diferença pra cinco pontos, faltando 13 rodadas. Além dos suspensos e pendurados na Libertadores – Léo Pereira, David Luiz, Thiago Maia e Gabi – esperava-se que o treinador escalasse mais jogadores do time que vinha sendo sensação nas copas. Isso não aconteceu. O Ceará abriu o placar no primeiro tempo. No intervalo, Dorival Jr fez algo raro: quatro substituições. O empate veio, mas a vitória não, numa partida em que o adversário se retraiu bastante e interrompeu o transcorrer do jogo, com anuência da arbitragem. Na coletiva de imprensa, Dorival tentou justificar as decisões que fizeram o Flamengo seguir distante do líder: “o que eu não quero é que aconteça uma surpresa na quarta”. Bem, se o time do domingo não era capaz de segurar o Vélez com vantagem de 4 gols, dificilmente era capaz de vencer o Ceará. Além disso, titulares em campo estão sempre sujeitos a expulsões, o que poderia tirá-los de uma eventual final na Libertadores.

Pois bem, o Flamengo tem chances de ser o primeiro clube a vencer a tríplice coroa do Brasil – Libertadores, Brasileirão e Copa do Brasil – e isso graças ao trabalho de Dorival. No entanto, sua cautela recente e desmedida tem distanciado o enecampeonato brasileiro da Gávea. Segundo o jornalista Breiller Pires, no Linha de Passe da ESPN do último domingo, o treinador “não quer correr o risco de pecar pela ganância”. No entanto, o próprio Breiller afirma que “essa fórmula não é garantia de sucesso”. Importante lembrar que, guardadas as proporções do tipo de futebol executado, Renato Portaluppi também chegou à final da Libertadores e às semifinais da Copa do Brasil. Mas sua falta de atenção ao torneio que, normalmente, premia os melhores elencos, fez com que o Flamengo não conseguisse alcançar o Atlético nas rodadas finais do Brasileirão 2021, após perder a final continental em Montevideu. Poupança para vencer nas frentes de mata-mata, mas ficou sem nada. Se “quem tudo quer, nada tem”, é importante frisar também que “quem não arrisca, não petisca”.